



Discurso de Dom Leandro Maria Alves
Na Missa de Ação de Graças aos Prelados Timorenses
Évora, Portugal, 19 de agosto 2026

Sua Excelência Reverendíssima, Núncio Apostólico em Portugal,

Sua Eminência Reverendíssima, D. Manuel Clemente, Cardeal-Patriarca Emérito de Lisboa,

Sua Excelência Reverendíssima, Patriarca de Lisboa,

Sua Excelência Reverendíssima, Presidente da Conferência Episcopal Portuguesa,

Sua Excelência Reverendíssima, Arcebispo de Évora,

Sua Excelência Reverendíssima, Bispo de Angra,

Excelentíssimos e Reverendíssimos Bispos de Portugal,

Excelentíssimas Autoridades Cíveis e Militares,

Excelentíssimos Membros do Corpo Diplomático,

Queridos e caríssimos fiéis portugueses e timorenses,

É com imensa alegria e plena comunhão fraterna que em nome da Conferência Episcopal Timorense profiro esta mensagem de profunda gratidão à Igreja Católica em Portugal pela mútua colaboração de tornar tangível este evento marcante e significativo da transladação dos restos mortais dos nossos estimados predecessores, Dom Jaime García Goulart, Dom José Joaquim Ribeiro e Monsenhor Martinho da Costa Lopes para Timor-Leste. No âmbito deste ato reminiscente, queremos evocar com elevada consideração o sentido da presença dessas entidades na história da missão desempenhada com suor e zelo apostólico, por Timor e pelos timorenses. Por isso, este retorno dos nossos saudosos Prelados para Timor marca fundamentalmente a insígnia da coroação do centenário.

As contribuições desses Prelados marcaram a identidade cristã e cívica do nosso povo. Estes ilustres pastores dedicaram as suas vidas incansavelmente ao serviço do Reino de Deus, da Igreja e do povo timorense em tempos de profundos desafios e mais difíceis da nossa história. Os seus legados permanecem vivos na história e na fé dos timorenses. No momento em que acolhemos os seus regressos à terra que serviram com tanto amor e fervor missionário, este não é apenas um ato de piedade cristã, mas também, um tempo oportuno de reconciliação com a nossa memória histórica e o gesto de profunda fé e gratidão.

Os dois Bispos e o Monsenhor Martinho da Costa Lopes deixaram legados pastorais e memórias históricas ao povo timorense que estarão sempre vivos de geração em geração.

Se folhearmos as páginas da nossa história como Igreja, gostaríamos de reconhecer com gratidão à Santa Sé, que nos primórdios da evangelização e missionação moldou a civilização cristã pela ereção canônica da Diocese de Dili com a bulla *Solemnibus Conventionibus* do Papa Pio XII em 1940.

Com o efeito, Dom Jaime Garcia Goulart foi eleito o primeiro bispo da Diocese de Dili. Antes de ser Bispo, serviu como vigário-geral e superior das Missões em Timor entre 22 de janeiro de 1940 e 17 de janeiro de 1941; foi nomeado Administrador Apostólico, função que exerceu até 11 de outubro de 1945. E por fim, governou a Diocese a partir de 12 de outubro de 1945 até 31 de janeiro de 1967.

Sendo Prelado, Dom Jaime trabalhou incansavelmente na edificação da nova Diocese após as destruições causadas pelos japoneses durante a II Guerra Mundial. Foi ele quem consolidou a fé católica no território, fundou o pré-seminário Nossa Senhora de Fátima, em Soibada, no decorrer de 1936, que serviu como base de formação de futuras vocações locais. Para honrar e eternizar os seus legados, a Conferência Episcopal Timorense homenageou-o patrono do Instituto Superior de Filosofia e de Teologia, Timor Oriental.

Dom José Joaquim Ribeiro, o seu sucessor, governou a Diocese de Dili entre 1967 até 1977. Continuou a consolidação da fé católica através dos serviços pastorais, catequética e educação. O seu amor por Timor, resume-se nas suas próprias palavras: “Vim eu e comigo veio tudo que era meu – para a Diocese de Dili, trago tudo o que sou e tudo o que tenho para me pôr incondicionalmente ao serviço da Igreja em Timor”. Este inefável amor manifestou incansavelmente na defesa do povo durante os anos trágicos desde o início da guerra civil em 1975 até a posterior invasão, ocupação e anexação pelos militares indonésios. Os últimos dois anos do seu episcopado, foram marcados pela turbulência política que lhe afetou amarguradamente o seu zelo apostólico. Ficou muito magoado por forçosamente deixar Timor com o Povo num grande sofrimento. Antes da sua partida, confessou: “Sinto-me numa grande tristeza porque deixo o Povo de Timor num grande sofrimento”. Os seus últimos anos em Portugal foram marcados pelo silêncio, pela oração, ao solo timorense que calcou pela primeira vez com tanto amor, para depois, despedi-lo com tanta dor.

Monsenhor Martinho da Costa Lopes foi o primeiro líder timorense da Igreja Católica no território que administrou a Diocese de Dili em sede vacante de 1977 a 1983, na sequência da resignação forçosa de Dom José Joaquim Ribeiro. É uma das figuras mais marcantes, corajosa e reverenciada na história da luta do povo timorense. Embora não tenha sido consagrado ao episcopado, exerceu um *múnus* de pastor com autêntico zelo evangélico e coragem heroica. No tempo em que o país se encontrava isolado do mundo, Monsenhor Martinho foi o pioneiro na denuncia internacional das atrocidades e da fome que assolavam o nosso povo. Colocou em risco a sua própria segurança em defesa dos direitos alienáveis e a dignidade dos fiéis timorenses perante o regime ocupante. Em 1983, devido as denúncias das várias violações arbitrárias de direitos humanos, foi expulso pela autoridade ocupante para Portugal. Mesmo assim continuou a intervir pelo destino do povo timorense na diáspora. Nele é configurado a figura da Igreja como voz da esperança. Sob a sua liderança, a Igreja Católica em Timor consolidou-se como baluarte e escudo protetor da identidade cultural e espiritual do povo, tendo sido ele o responsável por instituir o Tétum como língua litúrgica oficial que une o povo em torno da fé.

Nesta inefável e desigual ocasião, a Conferência Episcopal Timorense, em nome do povo timorense, agradecemos ao Governo Português que em mútuo entendimento com o Governo Timorense facilitou o processo de transladação dos três Prelados para Timor-Leste. Agradecemos igualmente à Conferência Episcopal Portuguesa, em particular a Arquidiocese de Évora, o Patriarcado de Lisboa e a Diocese de Angra, Açores, à família dos Prelados, a todo o povo português pelo acolhimento, amor e cuidado destes Prelados timorenses durante os seus últimos momentos de vida no solo português.

Quem dera se pudéssemos revolver o passado, de todo o coração, suplicaríamos a meritíssima absolvição pelos ultrajes inconvenientes e erros que outrora tínhamos cometido. Se se pudéssemos mudar o tempo, comprometemo-nos reconciliar com o nosso passado a fim de apaziguarmos com o presente em prol de um futuro melhor e promissor.

Que a chama da epopeia luso-timorense continue acesa no coração agradecido de cada um de nós. Que este momento de transladação não seja o último ato da nossa admiração e relacionamento, mas uma afirmação solene e perene da nossa fraternidade e comunhão eclesial.

Que Deus, na sua infinita bondade, nos abençoe e que a Virgem de Fátima acompanhe o regresso dos nossos queridos pastores ao solo timorense aos seus últimos repousos na Sé Catedral de Díli.